

DIÁRIOS DIGITAIS: CONTRIBUTOS PARA UMA PRÁTICA DA DOCÊNCIA REFLEXIVA

Paulo Gomes, Jacinta Moreira

Universidade Portucalense Infante D. Henrique
paulogomesmat@gmail.com ; jacintam@upt.pt

Resumo

Com esta investigação procuramos analisar a relação existente entre a produção escrita de diários digitais e a prática da docência reflexiva. Para atingirmos este objetivo, analisaremos os diários digitais escritos por vários professores de vários níveis de ensino e em diferentes fases da sua vida profissional, o que nos permitirá apreciar o contributo deste exercício de escrita para o seu desenvolvimento profissional. Estes diários são escritos utilizando recursos livres, disponíveis a qualquer pessoa que utilize a internet, sendo que neste estudo não nos centramos na criação dos diários por parte dos professores enquanto ferramenta informática, mas sim no seu conteúdo. Procuramos, ainda, evidenciar aspetos facilitadores da produção de diários digitais e desocultar obstáculos à escrita dos mesmos.

Nesta investigação desenvolvemos uma abordagem de tipo qualitativa, e recorreremos a análise de conteúdo do discurso produzido nos diários digitais pelos participantes no estudo, e na análise das entrevistas semiestruturadas aplicadas aos participantes nesta investigação. Será ainda analisado o conteúdo da narrativa do investigador edificada ao longo desta investigação. Esperamos que esta pesquisa contribua para uma maior discussão entre a relação dos instrumentos de reflexão docente, neste caso, os diários digitais, e a prática da docência reflexiva e edificante.

Palavras-chave: Reflexão, Supervisão, Desenvolvimento Profissional, Diários Digitais

Abstract

With this research we aim to analyse the relationship between the writing of digital diaries and a reflexive practice of teaching. To achieve this purpose, we will analyse the digital diaries written by teachers in different levels of teaching and in different stages of their professional live, which will allow us to analyse the contribution of this writing exercise to their professional development. These diaries are written with freeware resources, available to anyone who uses the internet, being that in this study we didn't focus on the creation of the diaries by the teachers, but in their effective use and on their content. We also aim to discover which aspects favour, and uncover obstacles to the writing of these digital diaries.

We have a qualitative approach inherent to this investigation, based on the content analysis over the data collected from the digital teacher diaries, but also from semi-structured interviews applied to the participants in this study. We will also analyse the content of the investigator's narrative built throughout the investigation.

We hope that this research will contribute to a greater discussion between the relationship of the reflection inducing instruments of teacher reflection, in this case, the digital diaries, and a reflexive, edifying practice of teaching.

Keywords: Reflection, supervision, professional development, digital diaries

1. INTRODUÇÃO

Cada vez mais encontramos estudos em educação que relacionam os conceitos de reflexão, supervisão e desenvolvimento profissional. Embora os diários sejam usados em investigação há bastante tempo, decidimos utilizar diários digitais, levando este tipo de investigação por um novo caminho ainda pouco explorado, e analisar as relações que podemos definir entre os termos definidos anteriormente e a escrita destes mesmos diários digitais.

Com base na problemática definida para o presente estudo procuramos descobrir de que forma os diários digitais contribuem para uma prática docente reflexiva, de que forma os diários digitais contribuem para a auto-supervisão dos docentes sobre as suas práticas docentes e quais os principais constrangimentos/possibilidade resultantes da escrita dos diários digitais.

Os nossos objectivos serão analisar de que forma a escrita dos diários digitais evoca nos seus autores comportamentos reflexivos sobre as suas práticas docentes e até que ponto os próprios autores dos diários reconhecem o potencial reflexivo e de desenvolvimento profissional presente na escrita dos diários. Procuramos, ainda, analisar se os participantes nesta investigação reconhecem nos diários potencial para uma efetiva auto-supervisão das suas práticas educativas, e identificar as principais possibilidades/constrangimentos relativos à escrita dos diários digitais.

2. CONTRIBUTOS PARA O ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1 Os Diários

Desde o aparecimento dos primeiros caracteres de escrita que se verifica uma necessidade das pessoas manterem um registo das situações que consideravam importantes no seu dia-a-dia. Esses relatos chegaram até nós e permitem-nos ter um maior conhecimento e entendimento sobre a vida dos seus autores. Em viagens de descoberta era normal manterem-se diários de viagem. Podemos fazer uma analogia entre esses diários e os diários digitais de professores: tanto num caso como noutro, interessa o ponto de partida e o ponto de chegada, mas assume uma importância fundamental o caminho percorrido entre esses dois pontos.

Os diários fazem parte dos documentos que denominamos por documentos pessoais. De acordo com Bogdan e Bilken (1994) os documentos pessoais referem-se a qualquer narrativa na primeira pessoa que descreva as suas ações, experiências e crenças. Podendo essas mesmas narrativas ser descobertas ou solicitadas por um investigador, orientando os investigados a escrever sobre um determinado tópico. Em projetos de investigação condicionados a nível de tempo ou de estrutura, os diários assumem, então, um papel importante no acesso ao pensamento dos investigados. É o caso da nossa presente investigação, onde os diários se constituem como o instrumento primordial de acesso ao pensamento dos professores que o escrevem.

Vários autores, entre os quais, Holly e Zabalza legitimam metodológica, conceptual e pragmaticamente o estudo dos diários relativamente a projetos de investigação e formação de professores relacionados com a construção do conhecimento profissional. Segundo Zabalza (1994), qualquer trabalho baseado em diários deve assumir três bases fundamentais: que o ensino é uma atividade reflexiva, que a perspectiva que os professores têm do seu trabalho pode ser esclarecida através da sua verbalização (oral ou escrita) e que escrever o diário pode ser um instrumento adequado para conhecer o professor.

Concordamos com Yinger e Clark (1985) quando nos indicam que, tal como qualquer instrumento desenhado para entender a complexidade da mente, o diário é um instrumento imperfeito para estudar o pensamento humano. No entanto, permite-nos aceder ao pensamento dos professores sobre o seu ensino, sendo que o perigo de erros investigacionais de grande calibre é pequeno, quando comparado com esta possibilidade de aceder e aprender mais sobre a psicologia do ensino do ponto de vista do próprio professor.

O trabalho com diários oferece grandes possibilidades na investigação educacional, nomeadamente como um instrumento indutor de reflexão docente. Mas a que nos referimos quando falamos de reflexão docente?

2.2 Reflexão Docente

Os seres humanos pensam nas suas ações antes, durante e depois de as efetuarem. Será que este tipo de pensamento nos transforma em seres reflexivos? Ou seja, será

que pensar e refletir é o mesmo? O pensamento é um ato espontâneo, muitas vezes independente da nossa intencionalidade. Pensar, tal como respirar, ocorre sem que seja necessariamente fomentado pelo seu autor. Assumimos que refletir é diferente do normal pensar ao nível da intencionalidade (quando refletimos conduzimos o nosso pensamento num determinado sentido sobre o qual queremos refletir), da persistência (muitas vezes temos de insistir nos pensamentos sobre um acontecimento denso ou traumático sobre o qual não queremos, mas devemos refletir) e da sistematização que implica.

Pensamos, tal como Perrenoud (2002), que cada professor reflete de modo espontâneo sobre a sua prática, mas que se este questionamento sobre as próprias ações não for metódico e regular não conduz, necessariamente, a tomadas de consciência e acima de tudo, a mudanças.

Muitas das ideias sobre reflexão docente baseiam-se nos estudos de Dewey e de Schön, estando diretamente relacionados com as experiências que os professores vivem no decorrer da sua profissão e que essas experiências são uma fonte de conhecimento sobre o ensino e sobre o aprender a ensinar. Enquanto Dewey considera que é importante a qualidade das experiências que se tem, pois essas experiências vão afetar as experiências posteriores, uma vez que ao refletir nelas iremos fazer a transferência de aprendizagens para futuras experiências, Schön remete-nos para uma separação entre o objeto e o momento da reflexão, nomeadamente nos conceitos de reflexão na ação e reflexão sobre a reflexão na ação. A reflexão na ação, tal como o nome sugere, ocorre no decorrer da ação. No entanto, no calor da ação o tempo para refletir é muito pouco, havendo uma maior preocupação com o que iremos fazer a seguir do que com uma reflexão profunda. Remetendo-nos às nossas anteriores noções estamos mais próximos do pensamento que da reflexão.

A reflexão sobre a reflexão na ação já ocorre num momento posterior à ação, havendo um certo distanciamento da ação quer a nível temporal, quer muitas vezes a nível espacial. Nestas alturas o professor faz um balanço sobre a ação, realizando uma triangulação entre o passado, o presente e um possível futuro. O professor reflete na

ação, sobre o que conseguiu fazer ou tentou fazer, prepara-se para uma ação semelhante que possa ocorrer no futuro. Ou seja, a reflexão sobre a reflexão na ação pode ajudar o professor a capitalizar experiências, a transformá-las em saberes que podem ser transferidos para outras situações, embora esta capitalização não seja automática. Ao refletir sobre as ações que se repetem no dia-a-dia o professor atinge um novo patamar, onde reflete sobre as estruturas relativamente estáveis da sua própria ação que leva ao seu desenvolvimento profissional e ao próprio desenvolvimento da sua identidade enquanto professor.

2.3 Diários no âmbito da supervisão: contributos para o desenvolvimento profissional

A construção da identidade de um professor enquanto profissional reflexivo baseia-se quer na sua formação inicial quer na formação ao longo da sua carreira. Concordamos com Perrenoud (2002) quando nos afirma que um professor não se deve limitar ao que aprendeu na sua formação inicial, mas assumir uma postura de constante questionamento dos seus objectivos, métodos e saberes, tentando projetar-se no futuro. Para que isto aconteça é necessário que o professor tenha capacidade de auto-supervisionar o seu trabalho, mantendo um registo crítico dos seus objectivos, das suas conquistas, dos seus fracassos e das razões tanto para as conquistas como para os fracassos terem acontecido. Acreditamos que os diários digitais têm o potencial para este registo.

Na realidade portuguesa, grande parte do processo de desenvolvimento profissional dos professores é orientado, e ao mesmo tempo, dirigido para a avaliação de desempenho docente, que por sua vez retira as suas orientações das indicações dadas pelo Ministério da Educação, espalhadas por vários documentos legislativos, nomeadamente o Estatuto da Carreira Docente (ECD) (2012) e no Decreto Regulamentar nº 26/2012 (DR) (2012) que regulamenta o sistema de avaliação de desempenho do pessoal docente.

De acordo com a alteração ao ECD de 21 de Fevereiro de 2012, o novo regime de avaliação de desempenho cria as condições para que os professores e as escolas se centrem no ensino, promovendo melhorias dos resultados escolares e das

aprendizagens. O novo modelo de avaliação de desempenho tem ainda como objectivo o incentivo do desenvolvimento profissional docente. Este aspecto também se encontra explanado no mesmo documento, bem como no DR (2012) onde é apontado como uma das dimensões em que se baseia a avaliação de desempenho docente, conjuntamente com o domínio das competências científico-pedagógicas e a participação na vida da escola e relação com a comunidade educativa.

Conscientes das orientações do ECD (2012) que pedem para centrar as atenções no ensino e das recentes alterações do sistema de avaliação de desempenho nos últimos tempos no nosso país e que geralmente cortam de modo radical com os sistemas anteriores, decidimos, conscientemente, centrar o nosso estudo na dimensão científico-pedagógica mencionada tanto no ECD (2012) como no DR (2012). Para isso baseámo-nos em Perrenoud (2000), que nos fornece um referencial para as novas competências profissionais que os docentes devem adquirir de modo a desenvolverem de um modo efetivo e eficaz a sua atividade docente.

3. LINHAS METODOLÓGICAS DA INVESTIGAÇÃO

De acordo com Sousa (2009) a metodologia da investigação, bem como as estratégias e técnicas que os investigadores utilizarão numa investigação devem ir de encontro aos objectivos e características da investigação.

Devido às características da nossa investigação utilizamos uma abordagem qualitativa, pois o nosso objectivo centra-se na compreensão de comportamentos e atitudes e na construção de significados pelos participantes, indo assim de encontro aos objectivos dos estudos qualitativos indicados por Bogdan e Bilken (1994). Recorremos ao estudo de caso pois concordamos com Bell (2010) quando nos indica que esta é a melhor estratégia para investigadores isolados por proporcionar a oportunidade de centrar as atenções e aprofundar um determinado problema.

Baseámo-nos em três instrumentos para a recolha de dados. O primeiro instrumento, central ao nosso estudo, refere-se aos diários digitais, que abordamos já nesta comunicação. Escolhemos implementá-los em formato *online*, ganhando os autores em termos de mobilidade e de acessibilidade em relação aos diários tradicionais. Recolhemos também dados de entrevistas semiestruturadas aos autores dos diários.

Escolhemos este tipo de entrevistas porque concordamos com Quivy e Campenhoudt (2008) quando afirmam que este tipo de entrevista nos permite ter acesso a dados profundos que respeitam os quadros de referência e linguagem dos entrevistados. O nosso terceiro instrumento de recolha de dados será a narrativa do investigador. Através desta narrativa procuraremos narrar de uma forma estruturada, sistemática, crítica e reflexiva todos os acontecimentos relacionados com esta investigação para obtermos uma visão mais esclarecedora da situação em estudo, fazendo um contraponto entre as nossas preconcepções e os dados obtidos à medida que estes vão sendo recolhidos, organizados e analisados.

Recorrendo a três instrumentos de recolha de dados estaremos a utilizar a triangulação de dados, que de acordo com Sousa (2009) fortalece grandemente as investigações de carácter qualitativo.

Os dados que recolhemos são de carácter qualitativo, ricos em pormenores descritivos mas de difícil análise estatística. Assim, analisá-los-emos através da análise de conteúdo, procurando encontrar nos dados recolhidos padrões e aspectos importantes para a investigação.

Começamos a nossa análise de conteúdo com uma leitura flutuante dos dados recolhidos procurando as maiores regularidades que conseguimos encontrar, de modo a definir as nossas unidades de registo. Mantivemos um espírito de abertura para unidades de registo que pudessem surgir, não relacionadas com a nossa revisão bibliográfica e que se poderiam tornar importantes na análise de conteúdo.

Prosseguimos de seguida à definição de categorias de análise. Segundo Bardin (2009) podemos proceder a uma categorização com categorias *A priori*, que são resultado do referencial teórico, e com categorias *A posteriori*, resultado da análise do material recolhido. Definimos ainda subcategorias de análise para cada uma das categorias definidas de modo a conseguirmos atingir boas categorias de análise, que de acordo com Bardin (2009) devem ser mutuamente exclusivas, homogêneas, pertinentes, objectivas, fiéis e produtivas.

Definimos assim a tabela 1, que estamos a aplicar na análise de conteúdo dos diários digitais produzidos pelos participantes na investigação e que utilizaremos também na

análise das entrevistas e da narrativa do investigador. Esta tabela é um trabalho aberto, pois estamos abertos a alterá-la no caso de surgirem categorias emergentes no conjunto dos diários que nos levem a novas caminhos de análise em que não tínhamos pensado.

4. PRIMEIROS RESULTADOS

Estamos neste momento a realizar a análise de conteúdo de alguns dos diários digitais que foram escritos pelos participantes. Apesar de não podermos, obviamente, referir conclusões finais, verificamos já algumas indicações relativas aos nossos objectivos de investigação, tal como se pode encontrar na tabela 1, onde são indicadas alguns dos elementos mais importantes que consideramos existirem nos diários digitais analisados até ao momento.

Tabela 1 – Primeiros resultados organizados por dimensão, categoria e subcategoria de análise

Dimensão de análise: Reflexão		
<i>Categoria de análise</i>	<i>Subcategorias de análise</i>	<i>Citações de diários</i>
Reflexão	Reflexão na ação	<p><i>“Verifiquei que a maior parte dos alunos não se lembrava de quase nada do assunto. Tive então de reformular a minha planificação e voltar a lembrar o que tinham leccionado sobre equações no 7º ano.”</i> Diário A</p> <p><i>“Acabei por não mostrar o segundo slide (...) Como não foi necessário, resolvi adaptar a planificação e saltar essa parte (...) verificamos que esta ou aquela estratégia deixou de fazer sentido e optámos por alterar na hora.”</i> Diário B</p>
	Reflexão sobre a	<p><i>“Ter feito as revisões sobre as equações de primeiro grau provocou um atraso de duas aulas na</i></p>

	ação	<p><i>planificação, mas pelo que vi dos alunos será um tempo ganho e não um tempo perdido, pois parecem ter menos dificuldades (...)” Diário A</i></p> <p><i>“Senti que o facto de os alunos não saberem o que era pretendido com o problema podia-os ter levado para conclusões diferentes das pretendidas. Terei de ter mais cuidado na escolha do próximo problema.”</i></p> <p>Diário C</p>
Dimensão de análise: Supervisão		
Supervisão	Colaboração com colegas	<p><i>“Resolvi fazer como a C. me aconselhou. Talvez até facilite a entrada no conteúdo novo (...) embora, disse ela, seja um pouco antiquado, eu acho que pode ser diferente (...)” Diário B</i></p> <p><i>“Não é de facto fácil ter um outrem na nossa sala de aula e ter de lidar com os aspectos menos positivos da nossa actuação enquanto docentes” Diário B</i></p>
Dimensão de análise: trabalho com diários		
Uso dos diários	Vantagens	<p><i>“ (...) E leio neste diário o que fiz e como os alunos reagiram vejo que há aspectos a que eles reagem melhor e que podem ser esses métodos que os ajudem a melhorar ainda mais” Diário A</i></p> <p><i>“Desta forma poderei verificar, mais tarde, todo o processo pelo qual passei, quais foram as minhas dificuldades e as minhas conquistas” Diário B</i></p>

	Constrangimentos	<i>“ (...) Colocar tudo isto por escrito não é fácil, pois não é de todo um hábito (...) ”</i> Diário B
Dimensão de análise: Competências profissionais para ensinar		
Organizar e dirigir situações de aprendizagem:	Trabalhar a partir de representações dos alunos	<i>“Questionei-os sobre o que era reduzir à escala e a IP disse que era proporcional. Fiquei satisfeita. A ideia deste grupo daria para introduzir a noção de razão de semelhança.”</i> Diário C
	Construir e planejar dispositivos e sequências didáticas	<i>“ (...) A busca de algo novo, motivador... para apresentar nestas aulas tem sido uma tarefa morosa e não tem sido fácil optar por este ou por aquele recurso didático”</i> Diário B
	Envolver os alunos em atividades de pesquisa	<i>“ (...) Respondeu que eram figuras que mantinham os ângulos e os lados eram proporcionais. Este grupo estava a trabalhar no sentido certo. Pedi então que descobrissem como é que isso acontecia.”</i> Diário C
Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação	Administrar a heterogeneidade da turma	<i>“ (...) ter-lhe mostrado uma grelha de caracterização da turma para que a observação tenha por base um conhecimento mais específico da turma.”</i> Diário B
	Desenvolver a cooperação entre os alunos e certas formas simples de	<i>“Juntei-os aos pares, optando por colocar os alunos que me pareceram mais bem preparados com os que revelaram mais dificuldades. Esperava que assim conseguissem superar as suas dificuldades mais</i>

	ensino mútuo	<i>facilmente.”</i> Diário A
Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho	Suscitar o desejo de aprender	<i>“Elogiei a turma por estarem a trabalhar bem e a tirar conclusões “maravilhosas” (...) tinha conseguido espicaçá-los.”</i> Diário C

5. UM PRIMEIRO OLHAR SOBRE OS RESULTADOS APRESENTADOS

Apesar de o nosso estudo não estar ainda concluído os resultados que analisamos até agora são muito encorajadores e parecem mostrar que estamos a seguir no caminho correto para analisar a relação entre os diários digitais e a prática reflexiva da docência, bem como nas possibilidades e nos constrangimentos na escrita desses mesmos diários.

Consideramos assim que os diários digitais têm um potencial enorme como instrumentos indutores de reflexão e como instrumentos de aceder às práticas dos próprios docentes através das suas próprias representações e na sua própria linguagem.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Edições 70, Lda.

Bell, J. (2010). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. (5ª edição). Lisboa. Gradiva.

Bogdan, R. e Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto. Porto Editora.

Decreto-Lei 41/2012 de 21 de Fevereiro de 2012. *Alterações ao Estatuto da Carreira Docente*. Lisboa. Diário da República.

Decreto-Regulamentar 26/2012 de 21 de Fevereiro de 2012. *Regulamentação do Sistema de Avaliação Docente*. Lisboa. Diário da República.

Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre. Artmed

Perrenoud, P. (2002). *A Prática Reflexiva no Ofício de Professor. Profissionalização e Razão Pedagógica*. Porto Alegre. Artmed

Quivy, R. e Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ª edição). Lisboa. Gradiva

Schön, D. A. (1987). *Educating the Reflective Practitioner*. John Wiley & Sons, Inc. San Francisco

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. (2ª edição). Lisboa. Livros Horizonte.

Yinger, R. J, Clark, C.M. (1985). *Using Personal Documents to Study Teacher Thinking*. Paper (occasional series, no. 84), I.R.T., Michigan State University, East Lansing, Michigan

Zabalza, M. A. (1994). *Diários de Aulas*. Porto. Porto Editora.